Espanhol nas séries iniciais do ensino fundamental em uma região de fronteira Brasil – Uruguai

BOÉSSIO, Cristina Pureza Duarte
Universidade Federal de Pelotas - FAE
UNIPAMPA / Campus Jaguarão

Considerando que minha atuação docente se realiza, atualmente, em uma região de fronteira, em que as respectivas línguas – Português e Espanhol – convivem nos mesmos contextos do dia a dia, importante se fez um diagnóstico da situação do ensino do Espanhol como língua estrangeira (LE) nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas oficiais – estaduais, municipais e particular. O objetivo deste trabalho foi conhecer essa realidade no município de Jaguarão / RS no ano de 2007, os dizeres dos professores de Espanhol da rede quanto à importância do ensino de uma LE tão próxima à língua materna (LM) do aluno. Percebi, com esta pesquisa, uma dicotomia entre a realidade e os dizeres dos professores, uma vez que o ensino do Espanhol nas séries iniciais é oferecido apenas na única escola particular do município, apesar de as falas dos docentes apontarem para uma imprescindível prática desse ensino.

Conhecendo a realidade do ensino do Espanhol em Jaguarão

Para a elaboração deste trabalho, realizei, primeiramente, junto com os professores em formação, atuais alunos da Universidade Federal de Pelotas / UNIPAMPA / Campus Jaguarão, participantes do grupo de pesquisa "A formação docente e o ensino de Espanhol nas séries iniciais do fundamental", um mapeamento da realidade do ensino de Espanhol no município de Jaguarão, nas redes estadual, municipal e particular. O objetivo do mapeamento foi o de conhecer a rede escolar de ensino da região e o trabalho com a língua estrangeira Espanhol nessa realidade de fronteira em que as duas línguas – Português e Espanhol – convivem diariamente nos mesmos espaços.

Além desse mapeamento, buscamos verificar quem são os docentes que atuam nessa área, qual sua formação e o que pensam sobre o ensino de Espanhol nas séries iniciais. Para tanto, realizamos uma entrevista com os professores em atuação, a qual contemplou, além da identificação do docente e da instituição em que atua, as seguintes questões:

1. Qual a tua formação?
2. Há quanto tempo atuas na docência? E especificamente na docência de Espanhol como língua estrangeira?
3. Com quais as séries estás atuando hoje?
4. O que tu pensas sobre o ensino de Espanhol nas escolas?

5. E o que pensas sobre o ensino de Espanhol para as séries iniciais do ensino fundamental?
6. Se atuas nas séries iniciais, gostas de fazê-lo? Se não, gostarias? Por quê?
7. Já tiveste vontade de fazer um curso ou participar de um grupo de estudos sobre como atuar nas séries iniciais? Comenta tua experiência.
8. Terias alguma sugestão ou algo mais a dizer sobre o ensino/aprendizagem/ aquisição do Espanhol como língua estrangeira?

Para este trabalho, vou-me ater apenas aos dizeres dos docentes que têm relação com o ensino de espanhol antes da 5ª série do ensino fundamenta.

Mapeando as escolas e ouvindo os docentes

Em 20 de março de 2007, com a lista das escolas (8 municipais, 10 estaduais e 1 particular) de Jaguarão em mãos, parti em busca de informações sobre a 'presença' do Espanhol nas escolas dessa cidade. Primeiramente optei por visitar a Secretaria Municipal de Educação – SME – espaço onde fui muito bem recebida, obtendo, através das professoras Vera Regina Rodrigues Ferreira[1] e Alcinda Patrón Porto[2], todas as informações necessárias para o mapeamento da presença do Espanhol nas escolas municipais em Jaguarão.

São vinte as Instituições Municipais de ensino na cidade de Jaguarão: 06 delas são creches, nas quais, pensava eu, não seria trabalhada nenhuma língua estrangeira. Das quatorze escolas restantes, sete são escolas na sede, como me foi informado (i.e. na cidade) e sete na zona rural, sendo que seis delas estão desativadas no momento, por falta de alunos. Resta, assim, somente uma, na qual o Espanhol é oferecido regularmente.

Para este estudo, então, concorrem sete escolas da sede, e a rural.

ESCOLA	Oferece Espanhol 1ªa 4ª	Oferece Espanhol 5ª e 6ª	Oferece Espanhol 7ª e 8ª	Oferece Espanhol 1º e 2º médio	Oferece Espanhol no 3º médio	Oferece Espanhol – Técnico
Escola Fundamental Municipal Dr.Fernando Ribas	–	X	–	–	–	–
Escola Fundamental Municipal Marcílio Dias	–	X	X	–	–	–
Escola Fundamental Municipal Padre	–	X	X	–	–	–

[1] Coordenadora das séries iniciais do ensino fundamental.
[2] Coordenadora das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Pagliane						
Escola Fundamental Municipal Antônio de Sampaio	–	–	–	–	–	–
Escola Fundamental Municipal Manoel Pereira Vargas	–	–	–	–	–	–
Escola Fundamental Municipal Ceni Soares Dias	–	X	–	–	–	–
Escola Fundamental Municipal Marechal Castelo Branco	–	–	–	–	–	–
Escola Rural Municipal Lauro Ribeiro	–	X	–	X	–	–

As escolas e o oferecimento do espanhol[3]:

– Escola Fundamental Municipal Dr. Fernando Ribas – trabalha até a sexta série do fundamental. O Espanhol é oferecido na quinta e na sexta. – Professora Maura

– Escola Fundamental Municipal Marcílio Dias – trabalha até o oitavo ano. O Espanhol é oferecido na quinta, sexta, sétima e oitava – Professora Luciana

– Escola Fundamental Municipal Padre Pagliane – trabalha até o oitavo ano. O Espanhol é oferecido na quinta, sexta, sétima e oitava – Professora Maria Belén

– Escola Fundamental Municipal Antônio de Sampaio – trabalha até o oitavo ano. O Espanhol não é oferecido.

– Escola Fundamental Municipal Manoel Pereira Vargas – trabalha até o oitavo ano. O Espanhol não é oferecido.

– Escola Fundamental Municipal Ceni Soares Dias – trabalha até o oitavo ano. O Espanhol é oferecido no quinto e no sexto ano.

– Escola Fundamental Municipal Marechal Castelo Branco – trabalha até o oitavo ano. O Espanhol não é oferecido.

– Escola Básica Municipal Lauro Ribeiro RURAL – trabalha todo o ensino fundamental, médio e técnico. O Espanhol é oferecido na quinta e sexta séries do fundamental e no primeiro e segundo anos do ensino médio. Não é oferecido no curso técnico – Professora Daniele

Primeiramente busquei visitar uma das escolas que não oferece o idioma para saber que motivos a levam a isso. Visitei a escola Antônio de Sampaio e, infelizmente, descobri que é por falta de professores. Segundo a coordenadora, não há concursos nem tampouco chamam os professores já concursados. Os poucos professores de LE é que

[3] Esses dados foram obtidos através da entrevista com a professora Alcinda Patrón Porto, no dia 22/03/2007.

decidem com qual língua irão trabalhar, já que neste contexto são habilitados para as duas línguas: Espanhol e Inglês. O docente escolhe a língua em que se sente mais seguro.

Infelizmente se percebe um descaso das autoridades e das políticas educacionais que não levam em conta o contexto de fronteira e a necessidade local.

Na primeira visita à SME, a professora Vera Rogrigues Ferreira relatou que em 2001 houve um Projeto de uma professora itinerante, Simone Carvalho Gonçalves, que visitava as pré-escolas uma vez por semana para trabalhar com o Espanhol, mas não teve prosseguimento, pois era muito complicada a questão do reconhecimento do trabalho pelo fato de ser algo voluntário, e a professora ter que se deslocar de um lado a outro da cidade.

Segundo Vera Rodrigues Ferreira, é muito importante o ensino do Espanhol em uma região de fronteira e melhor seria se começasse nas séries iniciais, mas, segundo ela, "Simone trabalhava com musiquinhas, brincava... não são todos os professores que se sentem à vontade para trabalhar assim [...] não temos profissionais qualificados..."

Vera possui a visão com a qual compartilho – não são todos os professores que se sentem à vontade trabalhando de forma lúdica com as crianças e não são qualificados para tal, pois não refletem sobre isso no seu período de graduação e tampouco de pós-graduação (quando têm oportunidade). Como propõe Leffa (2001, p. 334)

> A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula. A formação de um profissional competente nessas duas áreas de conhecimento, língua e metodologia, na medida em que envolve a definição do perfil desejado pela sociedade, é mais uma questão política do que acadêmica. A sala de aula não é uma redoma de vidro, isolada do mundo, e o que acontece dentro da sala de aula está condicionado pelo que acontece lá fora.

Com base nessa assertiva acredito que não adianta apenas dominar a língua estrangeira, se não soubermos alcançar o público ao qual nos dirigimos. Também é necessário que trabalhemos com conteúdos significativos correspondentes ao interesse da faixa etária. Como propõe Vygotsky (1982), deve-se partir dos conceitos espontâneos, isto é, aqueles que o aluno já traz consigo, para, daí, avançar para os conceitos científicos, que são os conceitos mais elaborados. Segundo o teórico, o desenvolvimento dos conceitos espontâneos e dos conceitos científicos pela criança são distintos, mas se ajudam mutuamente: os conceitos científicos ajudam no

desenvolvimento dos conceitos espontâneos e, por outro lado, sem os conceitos espontâneos não seria possível o desenvolvimento dos conceitos científicos.

Além disso, o trabalho realizado de forma lúdica, principalmente com crianças, torna-se imprescindível. Segundo Santa Marli Pires dos Santos (2001, p.8) há dois estudos recentes que merecem atenção: *O estudo do cérebro humano e A ludicidade.* Esses estudos têm sido enfocados como estratégia do desenvolvimento que leva a uma vida mais plena e prazerosa e que interfere na vida do ser humano desde antes do nascimento. Penso que se deve considerar esses estudos sobre ludicidade no ensino de línguas estrangeiras, principalmente em se tratando de crianças.

O lúdico, hoje, passa a ser visto com maior status, deixando de ser considerado como algo pejorativo. Até mesmo a expressão *homo ludens* começa a fazer parte do nosso dia a dia. Segundo Santa Marli Pires dos Santos (2001, p. 15) *o homem, sem perder sua condição de adulto sério e responsável, passa a dar um novo sentido a sua existência pela via da ludicidade, recuperando a sensibilidade estética e enriquecendo seu interior.*

Para Negrine (2001, p. 40), as instituições de ensino deveriam trabalhar no sentido de criar uma cultura lúdica, uma vez que, segundo ele, *a cultura o homem produz, e ao produzi-la ele modifica a si mesmo.*

Para o autor, a educação voltada para uma cultura lúdica deve promover:

- atividades recreativas de cunho social e ético;
- uma educação não discriminatória, orientada para igualdade de pessoas e para suas possibilidades de realização;
- atividades cooperativas em detrimento das competitivas, uma vez que as primeiras priorizam a inclusão, e as segundas a exclusão, já que estas sempre são realizadas para se ter um vencedor.

Acredito que o que o falta, na realidade, é a preparação de professores de língua estrangeira desde uma perspectiva lúdica, pois, segundo Fortuna (2001, p. 115), *formar professores na perspectiva lúdica é uma contribuição possível.*

Busquei, então, a professora Simone Gonçalves, que hoje coordena uma creche – "Casa da Criança". A referida professora conta que trabalhou desde 1997 no município e cursou um ano de Espanhol em curso oferecido pela Casa de Cultura – sua formação acadêmica é em Pedagogia, não em Letras. Simone relata:

> Trabalhei com 5ª, 6ª e 7ª série, depois com a pré-escola, trabalhei um ano, aí depois tiraram o Espanhol, tiraram não, acho que chamaram, me parece,

> a professora do concurso, meu curso não me habilita pra fazer concurso, aí eu não fiz. Eu tenho Pedagogia.

A professora trabalhava o Espanhol através de contratos, pois como ela mesma conta, não é possível fazer concurso para a área de línguas estrangeiras sem ter a graduação em Letras. Simone, corroborando com a idéia da importância do lúdico em sala de língua estrangeira, observa

> Era muito bom, na Escola Marcílio Dias nós fizemos um trabalho que os alunos tocavam violão e cantavam na sala... Tudo eles traziam. Era uma música em Espanhol que eles gostavam, era da época, dali a gente fazia. A gente pegava aquela letra daquela música em Espanhol o que tava certo deixava certo, tinha umas que vinham até com erro na escrita, a gente corrigia o erro, eu dizia a eles o porquê mas não cobrava essa parte ortográfica...

A referida professora atuou como professora de Espanhol em vários adiantamentos de ensino, e hoje, o que me parecia impossível, acontece: ela introduz o idioma Espanhol na Creche que coordena. Também relata haver trabalhado em pré-escolas

> ...no segundo ano surgiu a oportunidade de eu trabalhar na pré-escola, e daí como eu trabalhava? Tudo o que as gurias me pediam de música eu traduzia pra eles, e cada vez que eu ia na escola eu levava um personagem, eu ia caracterizada de um personagem...

Percebe-se, com o conhecimento dessa experiência, que há uma necessidade, uma iniciativa por parte de alguns docentes de que o trabalho com o idioma Espanhol aconteça, mas nada regulamentado ou com apoio das autoridades e das políticas educacionais.

Depois de investigado o quadro atual das escolas municipais, busquei, junto à Coordenação Estadual, na cidade de Pelotas, a lista das escolas estaduais. São 10 em funcionamento neste momento:

ESCOLA	Oferece espanhol 1ªa 4ª	Oferece espanhol 5ª e 6ª	Oferece espanhol 7ª e 8ª	Oferece espanhol 1º e 2º médio	Oferece espanhol no 3º médio	Oferece espanhol – Técnico
Col. Est. Carlos Alberto Ribas	–	–	X	X (só no primeiro)	–	–
Inst. Est. de Ed. Espírito Santo	–	X	X	X	X	X
Esc. Est. de Ensino Fund. Paul Harris	–	X (só no quinto ano)	–	–	–	–
Esc. Est. de Ensino Fund. Maria Quitéria	–	X (só no quinto ano)	–	–	–	–
Esc. Est. de Ensino Fund. Dr. Alcides Marques	–	–	–	–	–	–
Esc. Est. de Ensino Fund. Dr. Manoel	–	–	–	–	–	–

Amaro Júnior						
Esc. Est. de Ensino Fund. Joaquim Caetano da Silva	–	X	X	–	–	–
Esc. Est. de Ensino Fund. Pio XII	–	X (só no quinto ano)	–	–	–	–
Esc. Est. de Ensino Fund. Prof. Francisco José Valente	–	–	–	–	–	–
Esc. Est. de Ensino Fund. Hermes Pinto Affonso	–	–	–	X	X	–

– Colégio Estadual Carlos Alberto Ribas – trabalha com os ensinos fundamental, médio e técnico. O Espanhol é oferecido no sétimo e oitavo anos do ensino fundamental e no primeiro ano do ensino médio.

– Instituto Estadual de Educação Espírito Santo – trabalha todo o ensino fundamental, médio e técnico. O Espanhol é oferecido a partir do quinto ano, em todos os anos do ensino fundamental, médio e técnico.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Paul Harris – trabalha do primeiro ao quinto ano. Oferece o Espanhol no quinto ano do ensino fundamental.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Quitéria (rural) – trabalha do primeiro ao quinto ano. Oferece o Espanhol no quinto ano do ensino fundamental.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Alcides Marques – trabalha da pré-escola ao quarto ano do ensino fundamental. Não oferece o Espanhol.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Manoel Amaro Júnior – trabalha da pré-escola ao quinto ano do ensino fundamental. Não oferece o Espanhol.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Caetano da Silva – trabalha da pré-escola ao oitavo ano do ensino fundamental. O Espanhol é oferecido do quinto ao oitavo ano.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Pio XII – trabalha da pré-escola ao quinto ano do ensino fundamental. O Espanhol é oferecido somente no quinto ano do ensino fundamental.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. Francisco José Valente – trabalha da primeira à quarta série. Não oferece o Espanhol.

– Escola Estadual de Ensino Fundamental Hermes Pinto Affonso – trabalha da pré-escola até o terceiro ano do ensino médio. Oferece o Espanhol só no ensino médio.

Das dez escolas estaduais investigadas, observei que duas delas não oferecem o Espanhol e as outras oito sim, embora não em todo o currículo.

Novamente descobri que há interesse por parte das coordenadoras das escolas, no entanto não há concursos nem tampouco professores para trabalhar com o Espanhol. Infelizmente, de novo se percebe um descaso das autoridades e das políticas educacionais que não levam em conta o contexto de fronteira e a necessidade local. Busquei conversar com um professor da rede estadual que me relatou que é vice-diretor e professor de língua espanhola. Ele trabalha com todos os adiantamentos, desde o quinto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. São palavras do próprio professor, quando questionado sobre o ensino de ELE para os primeiros anos do fundamental: *Acho que o Espanhol não deve ser trabalhado nos primeiros anos do fundamental, pois as crianças hoje em dia andam muito avoadas, não têm concentração e por isso não aprendem a língua estrangeira.*

Minha interpretação das palavras do professor é que ele percebe o trabalho de ELE como algo a ser aprendido, transmitido, não como algo a ser desfrutado, que sirva de motivação para a aprendizagem nos anos iniciais.

As diferentes concepções, tanto dos docentes como da comunidade em geral, devem ser ouvidas, respeitadas e levadas a sério para ver realmente qual é a necessidade de começar um trabalho com a língua espanhola desde os primeiros anos do ensino fundamental e qual é o preparo desses docentes, já que nem nos outros níveis de ensino há um maior enfrentamento a tais questões.

No que se refere à rede particular, somente encontrei uma escola – Nelson Hortman – em que o Espanhol é oferecido desde o primeiro ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Todos esses adiantamentos são trabalhados com uma mesma professora – Graciela Goñi Ferraris, para quem

> ...é na criança que está o "Produto Bruto para ser lapidado". Eles não têm vergonha de pronunciarem qualquer língua estrangeira, não precisa ser só o espanhol. Eles têm curiosidade em aprender. Sentem prazer e ficam fascinados ao falarem e ao lerem.

Mais um discurso que mostra que a docente acredita na importância do ensino do Espanhol para crianças das séries iniciais.

Para minha surpresa surge algo novo. Descubro que, em 2002, nesta cidade, já havia sido realizado um estudo sobre 'Aprender ou não espanhol nas séries iniciais?' Esse trabalho foi apresentado no 5º CELSUL por Sandro Calvetti, orientado pela Profa.

Ms. Tânia Beatriz Trindade Natel. Desde essa época, Calvetti já se mostra preocupado com essas questões e de lá pra cá, parece que nada mudou. Segundo Calvetti,

> Este estudo tem a finalidade de investigar a opinião de alunos e professores a respeito do ensinar/aprender Espanhol nas séries iniciais. Para isso foram questionados todos os alunos das séries iniciais, seus professores, instituições municipais, estaduais, do meio rural e urbano, do município de Jaguarão. Os resultados são surpreendentes, trazendo sugestões relevantes, inclusive podendo ajudar a pensar em implantar o ensino de Espanhol nas séries iniciais do município de Jaguarão.

Percebo que há o interesse e necessidade, bem como algumas ações como as de Calvetti que buscam efetivar a prática do ensino/aprendizagem/aquisição do Espanhol nas séries iniciais, mas que, infelizmente, não saem do papel. Urge um enfrentamento maior nesse sentido, já que estamos falando de uma região de fronteira onde as duas línguas convivem diariamente nos mesmos contextos, e que essas discussões já se apresentam, pelo menos, desde o ano de 2002. Percebo que em cinco anos quase nada foi feito.

Outra curiosidade, que já havia sido suscitada pela professora Simone, diz respeito ao ensino de Espanhol nas pré-escolas particulares da cidade de Jaguarão. Primeiramente eu não havia pensado em investigar as pré-escolas; futuramente isso não poderá deixar de acontecer, já que em Jaguarão existem nove pré-escolas particulares, são elas:

PRÉ-ESCOLA	Oferece Espanhol
Luluzinha	X
Aquarela	X
Coração pequenino	X
Mundo encantado	–
Peter Pan	–
Branca de Neve	–
Ursinho Puff	X
Turma da Mônica	–
Chapeuzinho Vermelho	X

Percebo que, das nove pré-escolas existentes na cidade de Jaguarão, no ano de 2007, cinco oferecem o ensino do Espanhol, fator que me leva a querer conhecer essas realidades.

Algumas considerações finais

Conhecer a realidade docente e as reflexões dos professores em formação no contexto de uma cidade de fronteira – Jaguarão – com um país que tem como língua materna o Espanhol – Uruguai, é o primeiro passo, acredito, para a proposta de criação de uma disciplina optativa no currículo universitário, com vistas a fomentar discussões/trocas de experiências/análises de material didático para interessados no ensino de Espanhol nas séries iniciais, já que os Cursos de Letras preparam seus alunos para atuação a partir do quinto ano do ensino fundamental, e não para as séries iniciais.

Percebi, com este estudo, uma dicotomia entre a realidade e os dizeres dos professores, uma vez que o ensino do Espanhol nas séries iniciais é oferecido (oficialmente) apenas na única escola particular do município, apesar de a maioria das falas dos docentes apontar para uma imprescindível prática desse ensino. Talvez o que falte seja uma preparação docente mais efetiva para o trabalho com crianças de séries iniciais e um enfrentamento às políticas públicas que homogeinizam a educação, sem considerar aspectos regionais e suas necessidades específicas, neste caso, uma região de fronteira.

Referências Bibliográficas:

CALVETTI, Sandro. Aprender ou não espanhol nas séries iniciais? In: Programação e Caderno de Resumos do 5º CELSUL, Curitiba: 114. 2002.

LEFFA, Vilson José. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras, In: V. Leffa (org.) *O Professor de Línguas Estrangeiras. Construindo a Profissão*. Educat, Pelotas: 333-335. 2001.

NEGRINE, Airton. Ludicidade como ciência. In: S. M. P. dos SANTOS (org.) *A ludicidade como ciência.* Petrópolis, RJ: Vozes, 23-43. 2001.

SANTO, Santa Marli Pires dos. A ludicidade como ciência (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, Lev. S. *Obras Escogidas II*. Moscú: Editorial Pedagógica, 1982